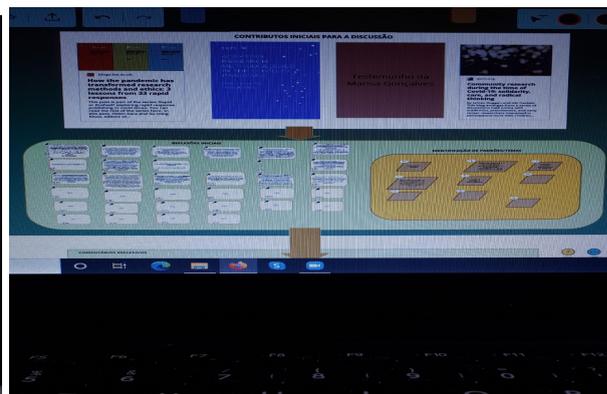
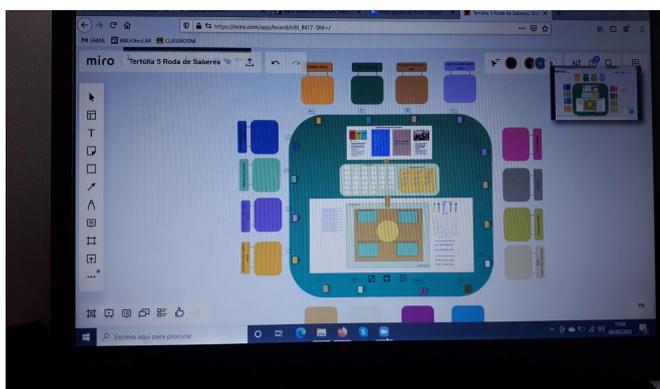




# Desafios metodológicos na pandemia



## FACILITAÇÃO DA SESSÃO

Marisa Ramos Gonçalves, Rita Campos, Ana Teixeira de Melo e Patrícia Silva

## INFORMAÇÕES GERAIS

**Número total de participantes:** 12 participantes (incluindo 4 facilitadoras)

**Data:** 8 de abril 2021

**Duração:** 180 min

**Hora início:** 14:30

## DESCRIÇÃO GERAL DA SESSÃO

Nesta quinta tertúlia propôs-se uma conversa sobre “Desafios metodológicos e pandemia”. Esta foi anunciada como visando a discussão em torno de questões como:

- Como a pandemia de COVID-19 afetou as nossas práticas e programas de investigação?
- Como lidamos com, e contornamos, os obstáculos e como nos reorganizamos face aos impactos negativos?
- Que descobertas e oportunidades foram ou podem ser exploradas no contexto pandémico face ao enriquecimento das nossas ferramentas metodológicas, nomeadamente para um contexto pós-pandemia?
- Que oportunidades podem ser exploradas, que recursos e estratégias podem assegurar a continuidade ou conduzir à reinvenção das nossas práticas?
- O que podemos repensar nas nossas práticas de pesquisa, olhando criticamente para os aspetos que a pandemia veio pôr a descoberto?

Previamente à sessão os/as participantes foram convidados/as a consultar uma série de recursos como convites à reflexão. Foram partilhados os seguintes *links*:

<https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2020/10/26/how-the-pandemic-has-transformed-research-methods-and-ethics-3-lessons-from-33-rapid-responses/>

<https://earthlab.uw.edu/wp-content/uploads/sites/26/2020/07/uts-adapting-research-methodologies-covid-19-pandemic-resources-researchers.pdf>

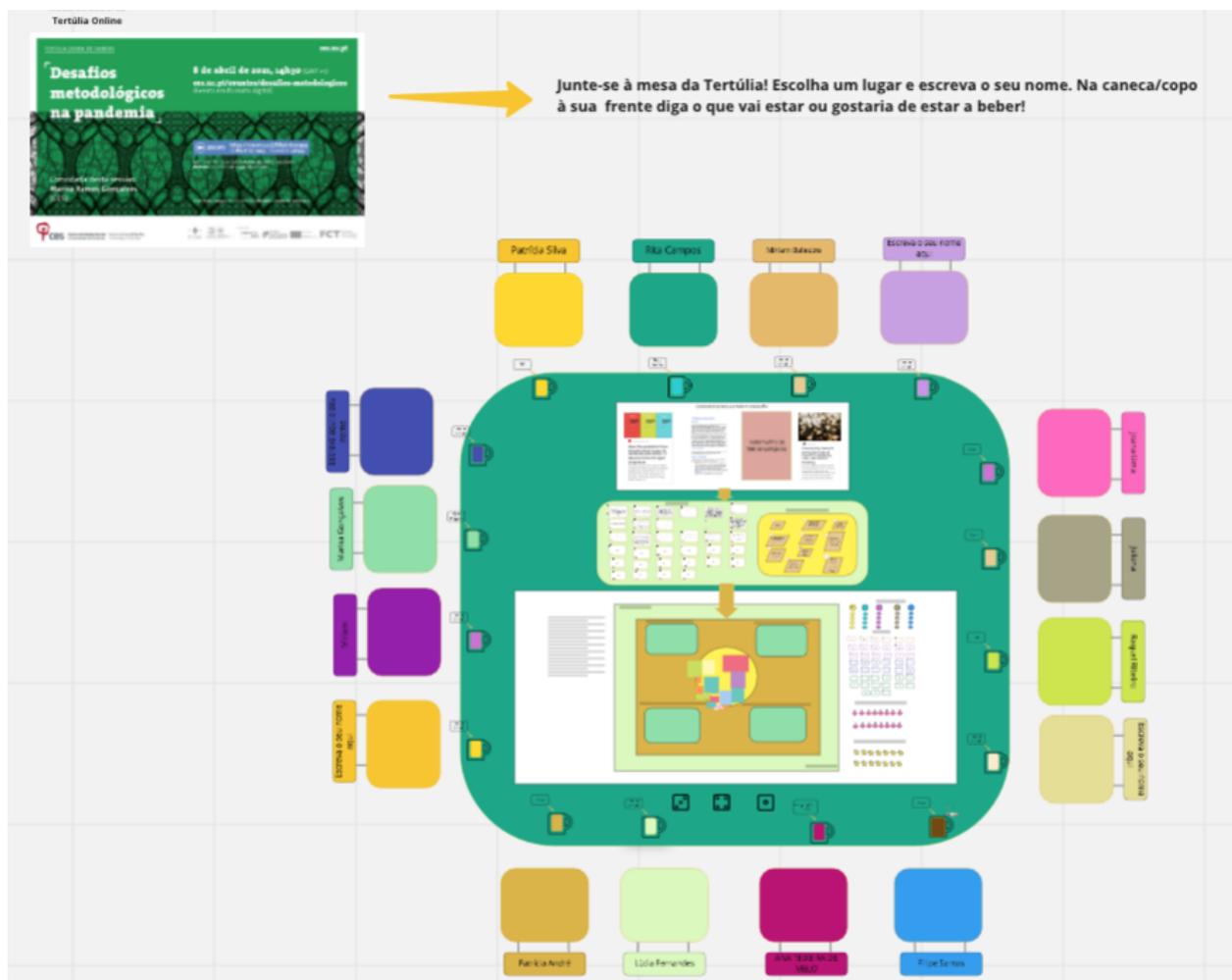
<https://ijsrm.org/2020/08/15/community-research-during-the-time-of-covid-19-solidarity-care-and-radical-thinking/>

A colega Marisa Ramos Gonçalves foi convidada, nesta tertúlia, a partilhar a sua experiência pessoal a partir do seu trabalho de investigação, contribuindo assim para enriquecer as reflexões propostas.

No início da tertúlia, as três coordenadoras do Ciclo de Metodologias “Roda de Saberes” deram as boas-vindas ao grupo de participantes nesta tertúlia, que teve lugar em formato digital por decorrer no contexto de confinamento devido à pandemia de Covid-19. Apresentou-se o Ciclo e as suas diferentes actividades e recursos, bem como a temática da tertúlia.

De seguida, foram apresentadas as regras básicas da tertúlia e a metodologia de facilitação, incluindo a organização dos diferentes momentos/tempos da sessão. Foi explicado que a recolha e gestão das ideias partilhadas e emergentes se processariam através da plataforma Miro, procedendo-se a uma breve explicação das zonas de trabalho e funções básicas. De seguida, foi partilhado o link para a plataforma e convidou-se as pessoas a acederem à plataforma, “sentarem-se à mesa da tertúlia”, escreverem o seu nome no seu lugar e indicarem na chavena correspondente que bebida trazem consigo - ou que trariam se se tratasse de uma tertúlia presencial. A mesa virtual da tertúlia (Imagem 1) apresentava uma série de materiais de suporte ao desenvolvimento da

discussão e continha os recursos anteriormente partilhados com os/as participantes para estimularem a reflexão coletiva.



**Imagem 1. Espaço virtual: mesa da tertúlia (plataforma Miro)**

Foi referido que esta tertúlia surgiu da intenção de gerar uma discussão colaborativa, reflexiva e crítica sobre os obstáculos e as oportunidades emergentes do contexto pandémico para a investigação, abordados como um convite para se repensarem métodos e metodologias. Com esse propósito, as coordenadoras convidaram a colega [Marisa Ramos Gonçalves](#), investigadora no CES, para partilhar um testemunho com base na sua situação de investigação, tendo-se procedido à sua apresentação enquanto co-facilitadora da sessão.

A Marisa começa por destacar a importância destes momentos, que nos permitem sair da “concha” onde muitas vezes nos encontramos a trabalhar.

Apresenta de seguida o seu projecto actual, Edulibera, como um projecto que surge em

continuidade de um anterior, com um enfoque em Timor-Leste. O Edulibera expande o projecto anterior, analisando histórias de vida timorenses cruzadas com histórias de vida moçambicanas. Contextualizando, explica que no seguimento da descolonização portuguesa, no período em que Timor-Leste foi ocupado pela Indonésia, muitos/as Timorenses decidiram estabelecer uma delegação da resistência externa em Moçambique, em Maputo. Foi no seio desta diáspora timorense que se situou um dos centros da resistência à ocupação pela Indonésia e de formação universitária e profissional dos seus quadros, que tem sido muito pouco investigada: como é que esta circulação de pessoas deu origem a uma outra experiência educativa? Como é que estas experiências foram e estão a ser vividas pelas pessoas nos dois países?

Comenta que a circulação de pessoas e de ideias teve repercussões na educação, pois vários/as Timorenses que viveram em Moçambique tiveram bolsas de estudo do governo moçambicano, da Frelimo. A educação para o 'Homem Novo' recebida nesse contexto influenciou a origem da Fretilin, o movimento de libertação pela independência de Timor-Leste, que viria a acontecer em 1999. Em relação a Moçambique, que conquistou a sua independência em 1975, a temporalidade de Timor-Leste enquanto país independente é recente. Sublinha que não só têm temporalidades diferentes, como também difere o tipo de colonialismo, nomeadamente por Portugal, em Moçambique, e, com relevância para o seu projecto, a segunda colonização de Timor-Leste pela Indonésia.

O Edulibera é um projecto de 2 anos financiado pelo programa Marie Curie-Widening (UE), que teve início em 2019. A metodologia da primeira fase do projecto consiste na recolha da história oral das pessoas que viveram ou conviveram com a diáspora timorense em Moçambique. É um método complexo que exige tempo para se realizar, pois comporta diversas entrevistas em vários momentos diferentes. Trata-se de uma metodologia multi-situada, que envolve ainda pesquisa em arquivos, em Portugal e em Moçambique. Depois de uma longa espera pelas autorizações para realizar entrevistas em Timor e Moçambique, que as exigentes normas do protocolo ético da União Europeia fizeram atrasar, pôde iniciar a fase de início do mapeamento, que implicava um número considerável de entrevistas (totalizando 26) e pesquisa em arquivos. Esteve um mês em Moçambique, e durante esse período de investigação de campo em Maputo visitou um arquivo e realizou a primeira parte das entrevistas. O facto de ter conseguido entrevistar uma vez todas as pessoas que tinham aceitado contribuir para o projecto proporciona uma visão de conjunto, mas precisaria de mais tempo para estabelecer relações de confiança e retomar a conversa. Tinha planos para realizar mais entrevistas presenciais, mas tiveram de ser cancelados devido à pandemia de Covid-19. Tinha também previsto realizar entrevistas semi-estruturadas com atores na área educativa, para analisar os efeitos contemporâneos dos/as timorenses que beneficiaram das bolsas de estudo moçambicanas. Ao contrário de Timor-Leste, onde tem trabalhado há muitos anos, onde acumulou experiência, conhecimento e contactos, Moçambique é um país que apenas visitou uma vez, e onde não teve ainda tempo para conhecer bem pessoas e lugares.

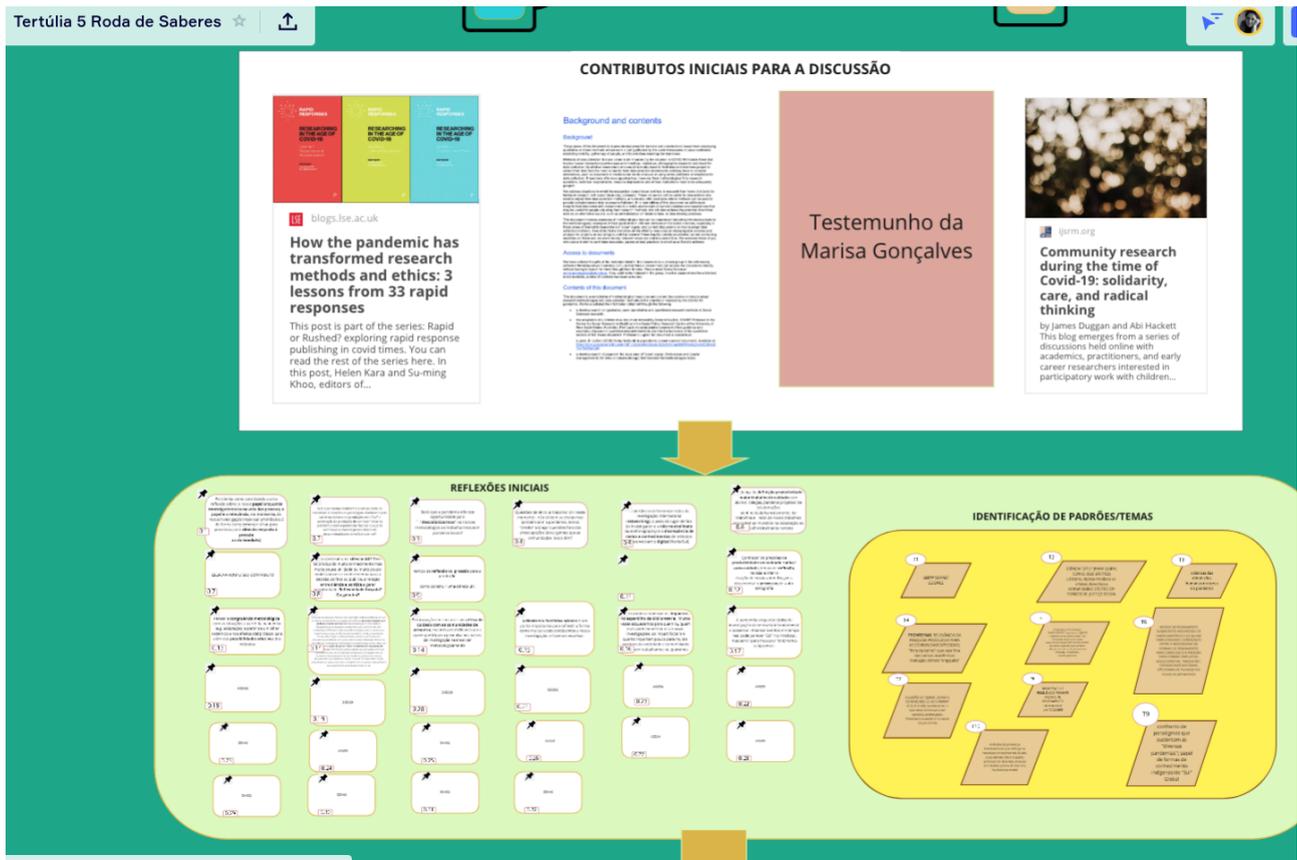
Timor-Leste é um país que conhece bem, cuja língua fala e onde tem muitos contactos. No entanto, uma nova pesquisa implica trabalhar com novas pessoas; neste caso, pessoas da elite política, o ex-primeiro ministro e alguns ministros. São pessoas que têm

muito interesse em participar mas cuja participação exige algum cuidado, porque é uma parte da história que comporta algumas rivalidades e controvérsias. Por outro lado, mesmo tendo já uma relação estabelecida, há sempre pessoas que resistem à participação neste tipo de trabalhos. Refere, como exemplo, algumas mulheres que não queriam participar na sua investigação por julgarem que não tinham nada para dizer, mas que depois de um pequeno-almoço informal surgiu a oportunidade de falarem sobre esses tempos em Moçambique. Estes encontros espontâneos não podem ocorrer à distância. Para tentar contornar a impossibilidade de realizar as entrevistas presencialmente, entrou em contacto com colegas em Timor-Leste para estabelecerem uma rede de colaboração. Estando no país, podem ir fazendo alguma recolha de informações. Mas a pandemia, que até essa altura afectara pouco Timor-Leste, estava a agravar-se, tendo o número de pessoas infectadas começado a aumentar em Abril, mês em que a tertúlia decorreu. Houve também graves cheias e muitas pessoas foram bastante afectadas por elas. A pandemia terá impactos estendidos no tempo, com efeitos duradouros na continuidade do projecto.

Numa nota positiva, as entrevistas e o trabalho de arquivo já dão alguma visibilidade a um episódio que estava praticamente esquecido. Tem aproveitado para escrever artigos e outras publicações académicas e organizar eventos. Refere que publicações como as atas de congressos e colóquios que tem realizado podem ter circulação reduzida, mas que o evento em si produz um impacto significativo nas universidades timorenses.

Por outro lado, tem aproveitado este tempo perturbado pela pandemia para reaprender os ritmos e repensar a temporalidade da vida e da investigação. Lembra que em Timor-Leste, e também em Moçambique, já se vivia com esta outra temporalidade devido à convivência com doenças que causam estas perturbações. Esta pandemia faz com que o Norte Global possa perceber o que é viver assim. Refere a importância de trocar o modo “fast science” pela “slow science”, uma ciência feita com tempo, com momentos de pausa e reflexão e adaptada a ritmos e desafios locais.

À partilha do testemunho pela Marisa seguiu-se uma ronda de breves reflexões sobre ressonâncias face ao seu testemunho por participantes. Estas/es foram também encorajadas/os à partilha das suas experiências, nomeadamente desafios metodológicos que têm experimentado na sua investigação e na sua área disciplinar, assim como reações preliminares às leituras que foram partilhadas na divulgação do evento, enquanto pontos de partida e inspiração para a discussão. Num primeiro momento, convidaram-se as/os participantes a partilhar as suas reflexões por escrito, nos “cartões” disponíveis na mesa da tertúlia, na plataforma Miro (Imagem 2).



**Imagem 2: Contributos iniciais para a discussão e reflexões iniciais**

Seguiu-se um momento de ronda de intervenções orais no seguimento das partilhas escritas, cujo teor apresentamos resumidamente de seguida:

Uma participante da área da arquitectura e urbanismo, que trabalha em Díli, reporta que já lá viveu e tem lá uma rede de pessoas de confiança para poder dar continuidade ao trabalho. Refere a necessidade de descolonização dos processos de pesquisa e comenta que se sente uma intrusa quando fala com as pessoas no âmbito da sua investigação, por querer saber porque é que as pessoas foram para determinados bairros. Comentou que o que a Marisa tinha referido acerca da criação de uma rede de contactos locais lhe tinha feito muito sentido, acrescentando que quando os/as colegas tinham a oportunidade de ir a esses bairros em Timor, o processo conseguia de alguma forma descolonizar-se.

Outra participante prefere focar-se em questões mais gerais, especificamente, na mudança da definição de produtividade. Tem supervisionado estudantes de diferentes graus e experiências com quem iria iniciar trabalhos conjuntos. Com a pandemia, ficou de baixa para dar assistência aos seus filhos, e por isso suspendeu ou cancelou trabalhos para poder continuar a dar apoio a esses/as estudantes. Não investiu muito no trabalho remoto. Iniciou alguns novos trabalhos a partir dos cancelamentos e passou a trabalhar

noutras coisas. Considera que a definição de produtividade deveria ser alterada para incluir o cuidado e as oportunidades de fazer outros trabalhos.

Uma participante, da área de estudos culturais, cuja investigação depende muito de consultas de documentos em bibliotecas e arquivos, refere que a pandemia obrigou a uma grande limitação no acesso físico a estes espaços. Observa que isso a levou a alterar o tipo de produção académica, nomeadamente ao substituir a ida às fontes pela reflexão a partir delas, o que levou a maior aprofundamento dos trabalhos produzidos. Esse tempo permitiu também sistematizar alguma da formação avançada em que tem estado envolvida a nível institucional e produzir uma reflexão sustentada acerca dela para uma partilha mais alargada. Sublinha a necessidade de resistir à ênfase na produtividade e no excesso de exposição no digital e de contrapor a isso uma perspectiva de “slow science”, adoptando uma posição ética de auto-cuidado. Refere um dos artigos partilhados para reflexão nesta tertúlia para lembrar os conceitos de uma ética do “cuidado radical”.<sup>1</sup> Saber e ter tempo para cuidar de nós, dos nossos, de quem nos é próximo. E, no trabalho, dar prioridade à reflexão, ao tempo para examinar o próprio processo. A nível epistemológico, pensar o cuidado de uma maneira contextual, como uma auto-etnografia. Tem posto em prática estas perspectivas, usado anotações e foto-ensaios para si, que se tornam ferramentas que ajudam a repensar o trabalho, o científico e o outro.

Outra participante também falou em tempo de reflexão e da necessidade de repensar a forma de trabalhar o objecto. No seu caso, havia uma ideia de investigação colaborativa que, em casa e com crianças, não pôde acontecer. Sentiu necessidade de pensar mais na forma como a investigação deverá prosseguir. Mas sentiu a pressão pelos resultados que parece surgir em todo o lado. E isso causou impacto, porque vinha em contramão com a necessidade de parar, pensar. Refere que sente uma enorme pressão para produzir, para participar em eventos científicos. Menciona o texto sobre a criatividade que foi partilhado para reflexão conjunta na tertúlia para referir que sente necessidade de estímulos para a criatividade, para recriar o seu trabalho. Principalmente se pensarmos que a pandemia ainda se deverá prolongar. Então, como construímos uma ciência que será útil?

Outra participante investiga o direito humano à alimentação na linha das transnacionais agro-alimentares e seus impactos. Desabafa que a pandemia a aflige, pois o Brasil é hoje o epicentro da pandemia e isso afecta a sua produção. Ressoa o que a Marisa referiu sobre Timor e Moçambique já conviverem há muito com doenças que dizimam pessoas, mas que só agora o Hemisfério Norte se depara com essa dor. Questiona-se: será que agora esta dor sentida no Norte Global se vai transformar em empatia? Ou a vacina se vai

---

<sup>1</sup> “**radical care**, that is, care that operates within an anti-capitalist politics, thinking beyond the rational, purposeful and economically significant” (Tironi and Rodriguez-Giralt, 2020), citado em:

<https://ijsrm.org/2020/08/15/community-research-during-the-time-of-covid-19-solidarity-care-and-radical-thinking/>

submeter ao mercado? Os e as cientistas deviam focar-se nisso, para não deixar que o mercado controle a situação. Com a pandemia vemos desigualdades a acentuar-se, pessoas cada vez mais pobres e outras cada vez mais ricas. Refere que tem sido procurada por alguns serviços, para encaminhar pessoas, por causa do seu trabalho. Reforça a ideia de auto-cuidado e do cuidado dos seus.

Uma participante da área de direito refere que o que mais a impressionou foi a aceleração do sistema científico. A pandemia tem alguma virtude, mas será que transformou mesmo a sociedade, como inicialmente se previa? Parece que não. Questiona-se: haverá oportunidade para os movimentos de resistência à “fast science”? Porque parece que estamos cada vez mais nesse caminho. Retorna à ideia de ciência útil para realçar o facto de se estar a produzir muito conhecimento mas com pouca mobilização desse conhecimento para a decisão política, pública. Ou, se há esta mobilização, isso não tem sido tornado visível. Retoma a questão da reflexividade: haverá ou não tempo para reflectir? Ou a reflexividade é forçada? Ou haverá mesmo uma dinâmica de trabalho nova?

Uma participante da área da política internacional e resolução de conflitos diz que uma das suas preocupações tem a ver com a possibilidade de fazer trabalho de campo. Ressoa as possibilidades das redes de contactos referidas pela Marisa no seu testemunho. Ressoa igualmente o que leu nos textos partilhados para reflexão conjunta: a não neutralidade da interpretação sobre a matéria, a auto-etnografia, a utilização de métodos digitais (como o whatsapp). Aponta a discrepância dos métodos, como a existência de computadores e rede de internet, de acordo com os locais: sabe de muitos/as investigadores/as que não têm esses métodos e materiais. Comenta ainda sobre a questão da ciência útil, de como a ciência precisa de se tornar acessível e sair da esfera universitária.

Outra participante fala da pandemia enquanto oportunidade para reflectir sobre o nosso papel enquanto investigadores/as, e sobre o que temos para dar às pessoas com quem fazemos investigação. Nota que, em muitas circunstâncias, se tornou mais importante o que temos para dar do que o que temos a receber. Fala ainda no repensar das linhas de investigação, de pensar em prioridades sem cair na pressão do imediato. Refere o excesso de estudos que surgiram directamente ligados à pandemia para realçar a necessidade de pensar em estudos que nos ajudem a pensar sobre a pandemia. Porque parte dos problemas que levaram à ocorrência da pandemia vêm de visões simplistas da realidade. E se este modo de pensar persistir podemos chegar a novas pandemias, a novas crises. Realça ainda a necessidade de pensar também na congruência metodológica (temas e métodos) e nas potencialidades criativas na investigação.

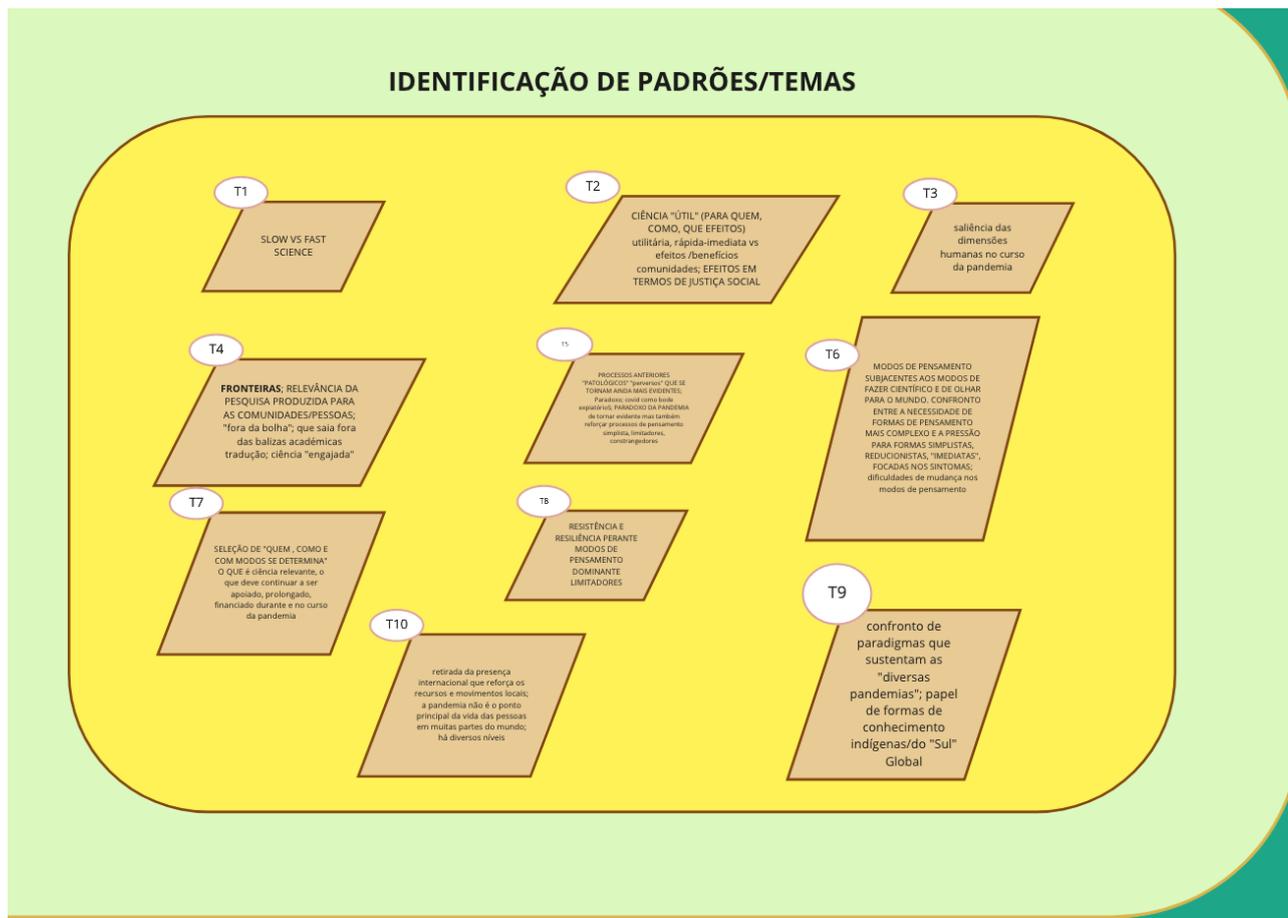
Um participante ressoa as partilhas sobre os muitos trabalhos que têm surgido sobre a pandemia, notando que fazer ciência sobre a pandemia enquanto a pandemia ainda dura

é como mudar o pneu com o carro em andamento. Questiona: como se pode fazer boa ciência sobre a pandemia quando ela ainda está a ocorrer? Se ainda estamos dentro do processo, devemos esperar. Estudar os processos no final, avaliar os impactos profundos da pandemia, que só se vão notar daqui a algum tempo, quando esta terminar. Lembra os discursos da mudança do início da pandemia e refere que os comportamentos continuam os mesmos. Afinal, o que é o normal? Não é o que tínhamos antes. As desigualdades são um exemplo disso, e provavelmente vamos ver assimetrias muito mais acentuadas após a pandemia. Aponta o Brasil como exemplo paradigmático nesse aspecto, de como o regime biopolítico e os usos políticos da pandemia estão a impor visões da sociedade que estão a custar muitas vidas. Fala da sua investigação, de como precisa de acesso a locais a que não pode aceder devido às restrições impostas pela pandemia. Lembra os programas de financiamento rápido aos estudos sobre a pandemia, referindo que o financiamento deveria ser concentrado em prolongar os trabalhos em curso, em vez de se investir tanto em novos trabalhos.

Outra participante refere a relação entre “fast science” e precariedade, comentando que devido às exigências bibliométricas falta pouco tempo para reflexão, para o que é mesmo de impacto, a ciência útil. Refere como exemplo o domínio da educação não formal, notando a distância entre a investigação no meio académico e as políticas sociais, e a sua aplicação apenas ao contexto educacional oficial. Refere as limitações atuais e o alargamento necessário da comunicação de ciência para sair da “bolha académica”.

Outra participante realça a questão da ética do cuidado com as pessoas com quem investigamos. Questiona: como fazer chegar a ciência às pessoas? Refere que os processos de ética dos órgãos de financiamento são muito formais e exigentes, que obrigam a demonstrar que envolvemos os/as participantes, mas que há discrepância entre critérios. Nota que as preocupações são essencialmente teóricas, porque os resultados que temos de apresentar são outputs formais, não são necessariamente aqueles que as pessoas mais precisarão. Refere também que não há uma preocupação com a continuidade do trabalho, nem sequer em termos de prorrogação de financiamentos, e que a partir do momento em que o projecto acaba, parece que acaba também a preocupação com as pessoas envolvidas.

A este momento de partilhas seguiu-se um momento de procura de padrões e temas centrais que atravessaram e se salientaram as reflexões individuais, e que são apresentados na Imagem 3.



**Imagem 3. Primeiro momento de identificação de padrões temáticos**

Na última parte da oficina convidou-se o grupo a canalizar e integrar os temas discutidos para dar resposta às quatro perguntas organizadoras da tertúlia e a identificar implicações e direções para a ação resultantes do cruzamento destas questões:

- (i) Como a pandemia afetou práticas e investigação?
- (ii) Como lidamos e contornamos os obstáculos e nos reorganizamos?
- (iii) Que descobertas e oportunidades podem ser exploradas face ao enriquecimento metodológico?
- (iv) O que podemos repensar criticamente?

A Imagem 4 capta as ideias e temas que resultaram da integração da discussão.



**Imagem 4: Ideias e temas da síntese integradora final**

O grupo foi discutindo, integrando e explorando ideias e palavras chave que relacionam e resultam da integração das respostas às diferentes questões (Imagem 3), atendendo às possibilidades de transformação das metodologias e das metodologias serem instrumentos de transformação de diferentes realidades. Salientaram-se as seguintes ideias: :

- a. A ideia de **improviso** como tema chave (a partir da combinação de elementos conhecidos)
- b. A possibilidade de se realizarem **análises secundárias** de dados existentes e de se procurarem outros dados que era mais invisíveis; os desafios da discussão da autenticidade dos dados e de se juntarem outro tipo de dados
  - i. referência a “stem stories”, referidas num dos artigos partilhados previamente com os/as participantes na tertúlia: formas criativas de

desenvolver investigação com diferentes comunidades; com base em pré-conhecimentos aplicados a novos contextos e recorrendo a novas linguagens; que visa reforçar a capacidade de **improviso** (em contexto de pandemia, por exemplo, e de outros fatores de devastação maiores do que a pandemia, nomeadamente os efeitos da crise climática); e tem como objectivo a construção de sentido e de ajuda em relação às realidades vivenciais;

- c. **Criatividade metodológica**, justificada no contexto pandémico, como resistência ativa e inovação face a paradigmas ortodoxos, conduzindo à flexibilização de paradigmas metodológicos das disciplinas;
- d. A importância do **saber local** e a possibilidade de grandes mudanças ocorrerem no Sul Global, nas grassroots; possibilidades de se transformarem modos paternalistas; países na periferia do Sul Global sem acesso a financiamento e sem cooperantes internacionais (ou sujeitos a parcerias paternalistas), e as oportunidades de desenvolvimento de soberania locais abertas pela pandemia; possibilidades de ação a nível local;
- e. **Mobilização de redes locais** e concertação entre grupos de investigação como colaboradores na investigação: sublinha-se a importância das redes locais e ONGs como parceiros numa lógica de cooperação e co-construção de conhecimento com uso de metodologias mais participativas, pelo empoderamento local, por descolonizar o fazer científico paternalista, pela partilha de recursos, nomeadamente ao nível do eixo de investigação Norte-Sul Global, e a facilitação de acesso a meios de investigação e a outputs internacionais; possibilidade de prima autoria pelos parceiros locais;
- f. **Cientista como consultor/a** de comunidades de investigação locais, apoiando à distância no desenvolvimento de metodologias e na definição das perguntas de investigação com relevância local; trabalho co-constutivo com o que poderia ser uma **ciência local** com o envolvimento do cientista como consultor, num papel diferente do da parceira e com uma abordagem participativa envolvendo as comunidade científicas locais;
- g. A utilidade da ciência ao serviço da enquanto justiça social, (também) como forma de combater a deturpação do conhecimento, e as suas fronteiras, limites e constrangimentos;
- h. **Ciência cidadã**: ciência com e para a sociedade, fora da bolha académica, com reflexo em políticas públicas; mobilização do conhecimento cívico; tradução do conhecimento;
- i. Paradoxo associado à pandemia de termos por um lado uma expansão e compressão, abrandamento e aceleração do tempo e do espaço (e.g. virtual) que pode ser explorada e aproveitada;

- j. Esforços que podem ser incentivados para a digitalização da informação (e.g. arquivos, processos de tribunal);
- k. Dilemas: pressão para se concorrer a grandes financiamentos internacionais vs. a pertinência de investir em **micro-projectos** viáveis com pequenos financiamentos (praticamente inexistentes) mas com maior relevância e **impacto local**; pequenos projetos e com financiamento pequeno são pouco valorizados; não valorização e reconhecimento do trabalho realizado de forma criativa ao nível do estabelecimento de parceiras que escusa o financiamento; necessidade de oferecer resistência a modelos dominantes de fazer ciência, através da defesa de **micro-projetos de maior impacto local, com benefício mais direto e imediato e por permitirem inovações**, funcionando como espaços/tempos **exploratórios**, de experimentação metodológica; criar espaços para que estas experiências possam ser publicadas e para que tenham peso na comunidade científica;
  - a. Paradoxos no fazer científico e a necessidade de evitar repetir vulnerabilidades e poderes deletérios, e.g. necessidade de provar a inovação ou responder aos temas mais salientes como a pandemia Covid-19, justificando a pertinência para o mundo mas ao mesmo tempo a inovação metodológica não é bem vinda e há dificuldade de avaliação de projetos inter e transdisciplinares por júris disciplinares; necessidade de aumentar o lobbying;
  - b. Pressões criadas pelas possibilidades do digital vs opressão da obrigatoriedade do digital (e.g. pressão para atender a todos os eventos digitais; pressão para se estar disponível e presente);
  - c. Oportunidade/necessidade de pensar inovação metodológica nos encontros e formas de encontro científico; usar as inovações lógicas para pensar outras formas de conversa, diálogos, entre cientistas, que não tenham o carácter de encontro de vídeo nem o carácter imediato dos meios digitais (e.g. partir dos exemplos das stem stories para pensar em conjunto outras formas de nos relacionamos); convite para pensar outras formas de interação que possam ultrapassar a dicotomia digital vs presencial, com um tempo menos acelerado talvez com a colaboração das Artes e Humanidades (e.g. uso de cartas e narrativas; “mail-art”; investigação baseada na arte; recursos da antropologia literária)
  - d. **Crise** de pensamento científico acentuada pela tensão da pandemia e possibilidade de novas emergências de dominâncias: modos de pensamento científico reativos, fragmentários vs. modos holísticos, complexos (teorias da complexidade, marginalizadas pelo Norte Global), conhecimentos alternativos sem acesso;
  - e. Recorrer à história da ciência para desenvolver novas estratégias
  - f. Estimular formas de ciência cidadã, mais participativa, com maior paridade;

- g. A importância da criação de arquivos de história oral (muitos com acesso digital remoto) para se obter acesso a dados primários e secundários sobre diferentes comunidades de saberes;
- h. Necessidade de olhar com maior atenção, de re-analisar dados pré-existentes; explorar outro tipo de formas de encontros científicos além dos convencionais.

Na sequência da conversa, a Marisa foi convidada a partilhar as suas percepções e ressonâncias relativamente à discussão ocorrida.

Refere que emergiram ideias em que já tinha pensado - como a investigação como espaço de cuidado - e outras novas, como trabalhar em rede à distância com colegas investigadores/as nos países em que se faz pesquisa (face à circunscrição espacial), e outras mais prementes, como a importância de fazer pesquisa com relevância local. Realça ainda a inovação e a criatividade metodológica, pensando nomeadamente em como podemos abrir horizontes para ampliar possibilidades. Por exemplo, voltar ao uso das cartas, dos “pen friends”, de usar os correios para trocar ideias ou objectos, criar uma rede de apoio por cartas. Há uma certa ideia de que nas cartas há presença, força emocional. A partilha é mais forte e diferente que no digital, pois a carta é um objecto, um artefacto. Tem uma materialidade que o digital não tem. No entanto, estas metodologias não são tão praticáveis em alguns contextos devido às distâncias e dificuldades de comunicação.

Lembra um trabalho de supervisão que está a iniciar e a necessidade de repensar as metodologias a usar e de como surgiu a ideia de usar a auto-etnografia, por exemplo, com fotografias e diários das pessoas com quem a sua orientanda irá trabalhar. Esta auto-etnografia pode ser mais útil que um grupo focal, uma vez que há pessoas que não têm abertura para falar num determinado momento mas que poderiam fazer um bom trabalho de auto-etnografia. Uma outra possibilidade é recorrer às artes para pessoas que comunicam melhor pela expressão gráfica e artística, em geral. Realça o facto de que algumas destas metodologias não seriam aplicadas na sua investigação sem haver esta pressão da pandemia, sublinhando a importância do distanciamento estratégico para se repensar mecanismos de investigação em comunidade e organizarmos novas formas de resiliência, resistência aos vários desafios humanos e sociais e a partilha de conhecimentos

## **REFLEXÕES, QUESTÕES, DESAFIOS E NOVAS PROPOSTAS EMERGENTES**

O tema da criatividade emergiu com bastante saliência da discussão, de uma forma que apontava para a necessidade de ser aprofundado. No final da sessão surgiram várias ideias sobre diferentes abordagens possíveis à recolha de dados que, motivadas pelos

constrangimentos pandémicos, poderiam abrir espaços de oportunidade e novidade independentemente da pandemia. As oportunidades para se repensarem formas de fazer científico, de recriação do tipo de interação possível entre investigadores/as, de procura de formas alternativas de produção de dados que activem recursos nas comunidades focadas e que lhes ofereçam mais possibilidades de gestão e participação ativa no curso da investigação foram alguns temas salientados.

Os contributos das Artes e Humanidades na estimulação da criatividade metodológica foram também sublinhados. O debate indicou para a pertinência de se aprofundarem estes temas em encontros posteriores.

## AVALIAÇÃO

Foram recolhidos dados de avaliação da sessão de 5 dos/das participantes, através de um inquérito administrado no final da sessão.

Numa escala de 1 a 5, correspondendo 1 à avaliação mais negativa e 5 à avaliação mais positiva, as/os participantes avaliaram de forma bastante positiva (60%) ou muito positiva (40%) a sua satisfação geral com a estrutura e dinâmica da sessão. Os/as participantes avaliaram como muito (80%) ou bastante pertinente (20%) a relevância dos conteúdos para a sua prática profissional ou de investigação. A maioria dos/das participantes mostrou-se muito satisfeito/a (60%) ou bastante satisfeito/a (20%) com o equilíbrio entre a partilha pessoal e a discussão conjunta na sessão, com um/a participante a mostrar-se mais ou menos satisfeito/a (20%).

As/os participantes mostraram-se muito (60%) ou bastante satisfeitos/as (40%) com a adequação e natureza dos exercícios de facilitação da partilha e discussão, avaliando, da mesma forma, o contributo e desempenho das facilitadoras e os seus contributos individuais para a discussão. As/os participantes expressaram bastante (60%) ou muito (40%) interesse em participar em novas tertúlias, recomendando ora muito (60%) ora bastante (40%) a sessão a outros/as.

Em termos de avaliação qualitativa geral e comentários livres à sessão, registaram-se notas de satisfação geral e de valorização das dinâmicas informais criadas (*“Gostei particularmente da abordagem relativamente informal”*; *“Gostei da dinâmica e da abertura às contribuições”*), que permitiram uma ampla participação (*“julgo que houve espaço para todos falarmos e contribuímos sem pressões”*) por parte de um grupo com enquadramentos disciplinares e temáticos muito diversos (*“Congregar investigadoras de várias áreas como um aspeto positivo”*), resultando, não obstante numa discussão *“séria e pertinente”*.

Por falha na divulgação, nem todas/os os participantes estavam conscientes da duração da tertúlia, pelo que a sua duração constituiu uma surpresa, ainda que as avaliações tenham sido positivas (*“não imaginava que se alongaria tanto tempo, mas foi um espaço excelente de aprendizagem!”*). O ritmo da discussão acabou por conduzir a que, contrariamente ao previsto, não se tenha realizado um intervalo, o que um/a participante

ofereceu como sugestão para futuros encontros. Alguém notou que o aviso sonoro que acompanhava a contabilização do tempo (timer automático) de participação individual era “*dispensável*”.

Como sugestão, foi deixada a proposta de atividades de follow-up focadas em redes de conhecimento nacional e internacional e na discussão de “*Abordagens a comunidades locais com tempo limitado*”. Dado que não foi disponibilizada informação adicional não é possível uma melhor explanação do que esta proposta implicaria.

### **PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DO RELATÓRIO**

**Data de publicação do relatório:** 23/07/2021

**Relatório produzido por:** Rita Campos, Ana Teixeira de Melo e Patrícia Silva

**Relatório validado pelo/as facilitador/as:** Sim

---